# A Divisão da Divisão do Trabalho
## Sohn-Rethel e as Teorias do Sistema-Mundo

Mirian Kussumi, Rafael Moscardi, Eduarda Camargo, J.-P. Caron, Rafael Saldanha, Gabriel Tupinambá, Anna K. Winters, Yuan Yao[298]

**Resumo**

O presente capítulo propõe uma comparação entre a teoria da abstração real de Alfred Sohn-Rethel e a Teoria dos Sistemas-Mundo, com vistas a iluminar potenciais contribuições para o desenvolvimento posterior de uma teoria Sohn-Retheliana da síntese social, que seja capaz de explicar a existência de diferentes tipos de abstração prática sob diferentes formas sociais, bem como de fornecer uma compreensão mais matizada de como a abstração real está em jogo em diferentes partes de um sistema social, como o centro e a periferia.

**Palavras-chave: abstração real, sistemas-mundo, síntese social, periferia**

**Abstract**

The present chapter proposes a comparison between Alfred Sohn-Rethel's theory of real abstraction and World-Systems Theory, in view of illuminating potential contributions to the further development of a Sohn-Rethelian theory of social synthesis, one that is capable of accounting for the existence of different types of practical abstraction, under different social forms, as well as for a more nuanced account of how real abstraction is at play in different parts of a social system, such as the core and periphery.

**Keywords: real abstraction, world-systems, social synthesis, periphery**

[298] Todos os autores e autoras eram membros do coletvo Subconjunto de Prática Teórica no momento da escrita deste ensaio. Tradução por Jean-Pierre Caron

## Introdução

Poucas linhas de Marx foram mais repetidas do que a famosa afirmação de que "não é a consciência dos homens que determina o seu ser social, mas o seu ser social que determina a sua consciência"[299] -- e, no entanto, poucas ideias apresentam mais desafios tanto para a filosofia quanto para o próprio marxismo do que esta inversão materialista aparentemente simples. Alfred Sohn-Rethel está entre os poucos pensadores que mais claramente reconheceram isso, dedicando a maior parte de sua vida a investigar e desdobrar as consequências de tal afirmação. Sua obra magna, *Trabalho Intelectual e Manual*, busca desenterrar a "conversão das formas do ser social nas épocas de produção de mercadorias nas formas de cognição peculiares a essas épocas"[300], mas não sem primeiro reconhecer que, se quisermos verdadeiramente dar precedência ao ser social da humanidade na constituição da consciência e da cognição, então devemos começar aceitando que isso exigirá uma revisão categorial fundamental da filosofia e da epistemologia:

> Não se deve, portanto, ignorar os processos de abstração em ação no surgimento das formas históricas de consciência. A abstração pode ser comparada à oficina do pensamento conceitual e seu processo deve ser materialista se a afirmação de que a consciência é determinada pelo ser social deve ser verdadeira. Uma derivação da consciência a partir do ser social pressupõe um processo de abstração que é parte deste ser. Só assim podemos validar a afirmação de que 'o ser social do homem determina sua consciência'. Mas com este ponto de vista, o materialista histórico se coloca em oposição irreconciliável a toda filosofia teórica tradicional. Pois para toda esta tradição é um fato estabelecido que a abstração é a atividade inerente e o privilégio exclusivo do pensamento; falar de abstração em qualquer outro sentido é considerado irresponsável, a menos que, é claro, se use a palavra meramente metaforicamente."[301]

Explicitar um conceito coerente de "processo de abstração que é parte do ser social", e, portanto, já em ação na existência social dos homens, é uma das tarefas da teoria da *abstração real* de Sohn-Rethel, celebremente exemplificada por como já está implicada no ato de troca de mercadorias uma separação entre os objetos trocados e suas propriedades físicas, embora os atores envolvidos na troca estejam eles próprios focados nas características concretas das coisas que, no entanto, abstratamente equivalem. O argumento principal do livro -- ao qual voltaremos mais tarde -- coloca esta teoria da

[299] Marx, 2008, p. 47
[300] Sohn-Rethel 2021, p.26. Optou-se por usar a edição inglesa da obra de Sohn-Rethel publicada pela Brill/HIstorical Materialism em 2021 também aqui na versão em português do presente ensaio, uma vez que a tradução publicada pela Boitempo se baseia em um texto alemão diferente daquele estabelecido pela edição inglesa e comparativamente incompleto com relação a ele.
[301] Sohn-Rethel 2021, p. 15

abstração à prova, mostrando que ela ajuda a esclarecer como a existência social da troca de mercadorias pressupõe e antecipa certas formas que, através de um processo de conversão, reemergem como abstrações ideais esvaziadas de seu conteúdo social, servindo de base para a reprodução da divisão entre atividade intelectual "pura" e seu oposto, o trabalho manual.

O trabalho de Sohn-Rethel tem sido muito influente, fornecendo, de muitas maneiras, a base para leituras de Marx que reconhecem que a forma-valor não é meramente uma categoria de análise econômico-política, mas o fundamento para uma teoria crítica abrangente da socialidade capitalista como tal em todas as suas esferas. E também tem sido criticado de diferentes ângulos: inicialmente, por Horkheimer, que teria aconselhado Adorno a não se envolver com as estranhas ideias de Sohn-Rethel[302]; por althusserianos, que rejeitaram a ideia de abstração real como uma aberração epistemológica[303]; por renovadores da economia política marxista, como Moishe Postone e outros, que criticam o foco excessivo de Sohn-Rethel na troca, deixando de lado a lógica da produção de mercadorias[304]; bem como, indiretamente, por aqueles que questionam a linhagem geral de marxistas que continuaram a desenvolver interpretações da economia política centradas na forma-valor. Há, no entanto, um tipo diferente de crítica, paradoxalmente implícita no trabalho de pensadores que *defendem* o trabalho de Sohn-Rethel. É bastante marcante, afinal, que embora a teoria da abstração real seja apresentada como uma consequência do princípio geral do materialismo histórico -- a precedência do ser social em relação à consciência -- a maior parte da literatura sobre Sohn-Rethel se concentra exclusivamente em como a *lógica do valor* permite um processo social de abstração, rejeitando tentativas de reconhecer o funcionamento da abstração real em outras formas sociais, como no funcionamento do Estado ou da religião[305]. Mas se apenas a lógica da mercadoria leva a uma

---

[302] Horkheimer escreve a Adorno, advertindo-o contra as ideias de Sohn-Rethel: “Quase me parece que você foi contaminado pela mania de identificação dialética (ou melhor, antidialética) de Sohn-Rethel, tornando-se cego para a enorme diferença entre o seu próprio modo de pensar e o dele.” Ver Horkheimer 1995, pp. 763-775.

[303] "A abstração empirista, que extrai do objeto real dado a sua essência, é uma abstração real, que coloca o sujeito na posse da essência real (...) O que significa, com efeito, uma abstração real? (...) É ainda preciso mostrar que essa problemática da concepção empirista do conhecimento está ligada como que ao seu duplo à problemática da visão religiosa da essência na transparência da existência?"

No original : « L'abstraction empiriste, qui extrait de l'objet *réel* donné son essence, est une *abstraction réelle,* qui met le sujet en possession de l'essence *réelle (...) Que signifie en effet une abstraction réelle?* (...) Est-il encore besoin de montrer que cette problématique de la conception empiriste de la connaissance tient comme à son double à la problématique de la vision religieuse de l'essence dans la transparence de l'existence? » (Althusser *et al*, 1973, pp 39-41)

[304] “Mas Sohn-Rethel não relaciona a noção de abstração de trabalho à criação de estruturas sociais alienantes. Em vez disso, avalia positivamente como não capitalista o modo de síntese social supostamente executada pelo trabalho na produção industrial, e o opõe ao modo de socialização executado pelas trocas, que ele avalia negativamente. (...) [O que] enfraquece a sua tentativa sofisticada de leitura epistemológica das categorias de Marx.” Postone, 2014 p. 206--7

[305] Ver, por exemplo, a crítica ao trabalho de Alberto Toscano por Ross Wolfe: “Como a ‘abstração real’ se refere exclusivamente à realidade objetiva da troca de mercadorias, só se pode realmente falar de reflexos ideológicos da abstração real onde quer que a troca de mercadorias tenha se estabelecido de maneira geral. Abstrações ideais ou conceituais baseadas na abstração real existem propriamente apenas em sociedades dominadas pela relação de troca. A maioria concordará que o capitalismo é um fenômeno relativamente recente, remontando a apenas alguns séculos como um modo de produção verdadeiramente global (ou globalizante). A religião, por outro lado, existe há milênios, pelo menos desde o alvorecer da

"abstração que é parte deste ser", então a abstração real não é realmente uma categoria do materialismo histórico per se, ou uma característica da socialidade como tal, mas um traço particular das sociedades centradas na mercadoria. Se, no entanto, se pode reconhecer processos de abstração similares ou alternativos ocorrendo dentro de outras dinâmicas sociais, então mais trabalho é necessário para mostrar sua compatibilidade com o trabalho original de Sohn-Rethel, que oscila entre restringir suas alegações à lógica da mercadoria e sugerir que a abstração e a síntese social são necessárias em todas as formas sociais.

O presente texto procura introduzir este impasse particular através de uma tentativa de comparação entre o trabalho de Sohn-Rethel e a teoria dos Sistemas-Mundo (TSM). Esta questão torna-se especialmente saliente no contexto desta comparação, uma vez que oferecer um exame sistemático de uma pluralidade de formações sociais é uma das principais realizações da TSM. Como discutiremos mais detalhadamente, há ressonâncias curiosas entre os dois referenciais teóricos, pois, de início, podemos ver que os teóricos dos sistemas-mundo procuram compreender as formações sociais como um sistema social fechado que estrutura a experiência social de uma certa região. "Mundo", aqui, no entanto, não é entendido como uma homogeneidade lógica que envelopa um espaço social como vemos em Sohn-Rethel. Em vez disso, temos um todo que parece ser estabelecido ou fechado por um certo domínio espacial e temporal, composto de intercâmbios materiais (econômicos, mas também políticos e culturais) que podem ser estabelecidos entre diferentes partes/atores deste mundo. O que se ganha, com esta abordagem alternativa da TSM, é uma descrição mais atestável empiricamente de mundos diversos e complexos compostos de muitos tipos de interações. Ao atentar aos elementos concretos que compõem um mundo, somos capazes de ver que há mais na realidade social do que a troca de mercadorias e que não é possível esmiuçar a conexão lógica de um mundo social a partir de apenas um tipo de interação social. Esta imagem complexa produz, no entanto, algumas desvantagens. Devido à atenção às estruturas concretas e materiais que efetivamente constituem um mundo, os teóricos dos sistemas-mundo tendem a dizer pouco sobre o papel constitutivo das formas sociais, invariâncias capazes de resistir a mudanças e impactos mais situados

história humana. Como poderia a religião ser uma idealização da abstração real, ou muito menos uma forma de abstração real ela mesma, em sociedades onde a troca de mercadorias não era uma realidade generalizada? A explicação de Toscano sobre a religião como uma 'abstração real' se torna incoerente assim que se reconhecem esses fatos."
No original: "Since "real abstraction" refers exclusively to the objective reality of commodity exchange, one can only really speak of ideological reflections of real abstraction wherever commodity exchange has generally taken hold. Ideal or conceptual abstractions based on real abstraction properly exist only in societies dominated by the relation of exchange. Most will agree that capitalism is a relatively recent phenomenon, dating back only a few centuries as a truly global (or globalising) mode of production. Religion, by contrast, has existed for millennia, since the dawn of human history at least. How could religion be an idealisation of real abstraction, much less a form of real abstraction itself, in societies where commodity exchange was not a pervasive reality? Toscano's account of religion as a "real abstraction" becomes incoherent as soon as one concedes these facts." Wolfe, 2014

-- como a forma-dinheiro, que não é afetada por ataques localizados contra o sistema bancário ou as elites. Assim, obtemos uma imagem clara da realidade social em todos os seus diversos aspectos, mas que não aborda de forma completa a "cola social" que efetivamente une esses conteúdos concretos no mundo social em questão.

Por causa disso, não basta simplesmente aplicar a teoria da abstração real e da síntese social de Sohn-Rethel aos sistemas-mundo plurais e diversos descritos pela TSM. Mesmo que seja possível estender as discussões sobre abstração real para explicar a existência de troca de mercadorias em mundos sociais não capitalistas, parece que uma simples aplicação do conceito de abstração real de Sohn-Rethel a outras formas sociais acabaria reduzindo qualquer sistema-mundo às estruturas da sociedade capitalista moderna. Se estamos interessados em preservar essa pluralidade, seria necessário descobrir um conceito geral de abstração real, que nos permitisse compreender diferentes lógicas que estruturam diferentes mundos sociais.

Para lidar com esses problemas, começaremos discutindo o conceito de abstração real e a divisão entre trabalho manual e intelectual. Como veremos, o trabalho de Sohn-Rethel fornece uma maneira de abordar a questão da constituição das formas sociais e dos mundos sociais, conectando as abstrações reais instanciadas na prática da troca de mercadorias e a divisão do trabalho com a capacidade do sistema capitalista de formar uma síntese estruturalmente dominante. Após isso, introduziremos algumas ideias da TSM que nos permitem abordar o problema da síntese social através de outro ponto de vista. Pode-se ver como, na divisão internacional do trabalho, regimes de exploração são assimetricamente distribuídos de uma forma que diferencia, regionalmente e sem perder sua inter-relação, o mundo entre centro, semiperiferia e periferia. Nesse sentido, e para permitir esses diferentes graus e formas de dominação, uma pluralidade de formas sociais para além daquelas redutíveis à troca de mercadorias precisa ser incluída na explicação da composição da economia-mundo capitalista. Essa hibridização de formas sociais, no entanto, não significa que estar mais longe do centro implique ser menos determinado pelas formas sociais que são sintetizadas por seus princípios. Muito pelo contrário: apesar da hibridização mencionada acima, descobrimos que a síntese social que estrutura a economia-mundo capitalista permanece uma força dominante mesmo quando a síntese regional das periferias é estruturada em torno de diferentes formas de laços sociais. Com isso em mente, tentaremos ao final deste ensaio mostrar que a análise de Sohn-Rethel sobre a abstração real aparece sob uma luz ainda mais clara quando vista através da divisão internacional do trabalho.

## 1. Sohn-Rethel e a crítica da epistemologia

O mais marcante no trabalho de Sohn-Rethel é como ele articula uma crítica estrutural do capitalismo como um modelo de organização social com uma crítica da epistemologia filosófica, alegando que as próprias formas que a filosofia e a investigação científica assumem têm, como suas condições de possibilidade, o surgimento de práticas de troca de mercadorias e da cunhagem de moedas na Grécia Antiga. Isso é feito colocando tanto a crítica da economia política quanto a epistemologia burguesa sob a determinação da forma mercadoria. Esses propósitos são úteis para uma crítica da epistemologia filosófica na medida em que representam um afastamento de Marx em relação a Kant: em vez de fundamentar a busca de sua investigação na natureza da mente humana, um projeto crítico da epistemologia deve buscar suas raízes "na história natural e no afastamento humano dela"[306]. Este é um movimento que implica tanto a incorporação da abstração na prática social quanto também uma investigação genética na medida em que a gênese da abstração é traçada através da cunhagem de moedas.

> O ato de troca que postula a igualdade das mercadorias poderia ser precedido por um escambo no qual cada um dos possuidores de mercadorias barganha por 'mais para levar' e 'menos para dar'. É verdade que as mercadorias são negociadas em lotes medidos em quantidades dimensionais de toneladas ou galões ou acres, etc. Mas os comparativos de 'mais' e 'menos' usados num negócio de troca não implicam uma comparação quantitativa entre, digamos, toneladas de carvão e resmas de papel, ou de acres de terra e jardas de linho. A equação inter-relacional postulada por um ato de troca deixa para trás todas as medidas dimensionais e estabelece uma esfera de quantidade não dimensional. Esta é a qualidade pura ou abstrata dos números cardinais, com nada para defini-la senão a relação de maior que ( > ) ou menor que ( < ) ou igual a ( = ) alguma outra quantidade como tal. Em outras palavras, o postulado da equação de troca abstrai a quantidade de uma maneira que constitui o fundamento do raciocínio matemático livre. De acordo com este argumento, o raciocínio matemático deve ser encontrado emergindo no estágio histórico em que a troca de mercadorias se torna o agente da síntese social, um ponto no tempo marcado pela introdução e circulação de moeda cunhada.[307]

[306] "on natural history and the human departure from it" Sohn-Rethel, 2021, p. 14.

[307] "The act of exchange postulating the equality of the commodities could be preceded by a barter in which each of the commodity owners haggles for 'more to take' and 'less to give'. True, commodities are traded in lots measured in dimensional quantities of tons or gallons or acres, etc. But the comparatives of 'more' and 'less' used in a deal of exchange do not imply a quantitative comparison between, say, tons of coal and reams of paper, or of acres of land and yards of linen. The interrelational equation posited by an act of exchange leaves all dimensional measurements behind and establishes a sphere of non dimensional quantity. This is the pure or abstract quality of cardinal numbers, with nothing to define it but the relation of greater than ( > ) or smaller than ( <) or equal to ( = ) some other quantity as such. In other words, the postulate of the exchange equation abstracts quantity in a manner which constitutes the foundation of free mathematical reasoning. According to this argument mathematical reasoning should be found to emerge at the historical stage at which commodity exchange becomes the agent of social synthesis, a point in time marked by the introduction and circulation of coined money." Sohn-Rethel, 2021, p. 39

A partir desta inflexão histórica, os argumentos de *Trabalho Intelectual e Manual* podem ser encapsulados da seguinte forma:

(a) a troca de mercadorias é uma fonte original da abstração.

(b) esta abstração contém os elementos formais essenciais para a faculdade cognitiva do pensamento conceitual;

(c) que a abstração real operando na troca engendra a forma básica da abstração ideal para a filosofia grega e para a ciência moderna.

Seguir este caminho significa estabelecer uma conexão entre a abstração do pensamento, predominante na teoria do conhecimento, e o processo social histórico por trás dela, o que nos leva diretamente ao conceito de abstração real. O fato de a troca de mercadorias constituir a fonte original de abstração define uma singular operação lógica: na medida em que a ação de trocar requer uma abstração do uso, os indivíduos devem reter essa abstração em sua própria memória de modo a reforçar uma separação entre ação social e pensamento privado. Esta separação torna-se um recurso crucial para pensar sobre quantidades não dimensionais como mencionado na citação acima. Finalmente, a realidade desta abstração transborda para múltiplos domínios.

O segundo conceito crucial aqui é a síntese social, que nos permite ver "[como] as formas sociais se desenvolvem e mudam" e "mantém unida a multiplicidade de ligações que operam entre os homens de acordo com a divisão do trabalho."[308] A generalidade/especificidade de tal conceito baseia-se na distinção entre produção e apropriação. A síntese social é um conceito de dupla camada: a primeira camada é um princípio lógico particular exclusivo do capitalismo, e a segunda camada o revela como uma condição básica de toda organização social humana na medida em que o cisma entre produção e distribuição é exemplificado por diferentes estruturas sociais. Em suas próprias palavras:

> Toda sociedade composta por uma pluralidade de indivíduos é uma rede que entra em vigor através de suas ações. Como agem é de importância primordial para a rede social; o que pensam é de importância secundária. Suas atividades devem inter-relacionar-se para se encaixarem numa sociedade e devem conter pelo menos um mínimo de uniformidade para que a sociedade funcione como um todo. Esta coerência pode ser consciente ou inconsciente, mas existir deve -- caso contrário a sociedade deixaria de ser viável e os indivíduos fracassariam como resultado de suas múltiplas dependências uns dos outros. Expresso em termos muito gerais, esta é uma pré-condição para a sobrevivência de todo tipo de sociedade; formula o que chamo de 'síntese social'.[309]

[308] "[how] social forms develop and change" and "holds together the multiplicity of links operating between men according to the division of labour." Sohn-Rethel, 2021, p.4

[309] "Every society made up of a plurality of individuals is a network coming into effect through their actions. How they act is of primary importance for the social network; what they think is of secondary importance. Their activities must interrelate

O que emerge da investigação de Sohn-Rethel sobre a forma singular da síntese social capitalista é a ideia de que o mundo social capitalista pode ser parcialmente explicado por uma dinâmica de abstração prática que é pressuposta no ato de troca de mercadorias. Nesse sentido, a abstração real é uma forma particular de sintetizar o social através da troca, que se baseia num certo salto cognitivo que gera grandes mutações dentro de uma sociedade e remenda temporariamente a contradição entre produção e distribuição. Isso significa que as trocas de mercadorias não são apenas uma parte real deste mundo, mas também que é por meio deste ato que as diferenças entre diversos fenômenos sociais são ligadas por uma característica comum que é capaz de reproduzir este todo. A troca de mercadorias é, portanto, uma operação que permite que diferentes indivíduos e/ou atores façam o que desejam (buscando seus interesses) enquanto ao mesmo tempo reproduzem a estrutura social determinada da qual fazem parte, ao tornar simultaneamente esses diversos interesses e práticas e coisas concretas comensuráveis entre si.

### 1.1 Sohn-Rethel e a Divisão do Trabalho

Tomar a divisão do trabalho como seu principal ponto de partida não é apenas um componente formal importante no trabalho de Sohn-Rethel, mas também uma expansão do tema subdesenvolvido da abolição da divisão do trabalho para Marx, que agora é suplementado por um argumento genético sobre suas origens. Em certo sentido, talvez mais importante do que superar a divisão técnica do trabalho, uma necessidade para a produção social complexa, o socialismo está comprometido com a superação da divisão mais fundamental entre planejamento e execução, entre "cabeça" e "mão", que inscreve a estrutura de classes e a dominação na própria forma que a produção assume dentro do capitalismo.

Primeiro, Sohn-Rethel distingue a unidade social da unidade pessoal de cabeça e mão ao executar uma tarefa particular, focando sua investigação em como a organização social coloca uma pessoa dentro de uma certa rede de práticas inconscientes. Por esta razão, o fio condutor de sua reminiscência histórica é também a divisão do trabalho. No entanto, em vez de considerar como a divisão e distribuição do processo de trabalho funciona, ele recua para se perguntar sobre as condições sociais

in order to fit into a society, and must contain at least a minimum of uniformity if the society is to function as a whole. This coherence can be conscious or unconscious, but exist it must – otherwise society would cease to be viable and the individuals would come to grief as a result of their multiple dependencies upon one another. Expressed in very general terms this is a precondition for the survival of every kind of society; it formulates what I term ‘social synthesis’.” *Idem*.

de possibilidade para a divisão entre trabalho manual e intelectual que molda o esquematismo cognitivo daqueles envolvidos sob um determinado conjunto de relações sociais.

Através deste retrocesso em direção às condições de possibilidade que moldam estruturalmente as categorias básicas que constituem nossa cognição e nossa compreensão do mundo ao nosso redor, Sohn-Rethel confronta o problema da divisão social do trabalho - no sentido de cadeias de produção, distribuição e consumo - com a questão das formas subjacentes que objetos, práticas, processos intelectuais e materiais precisam assumir para serem socialmente coesos no interior de um dado horizonte social. A história social, nesse sentido, não é apenas uma história de como as pessoas dividem e combinam processos produtivos de diferentes maneiras, mas uma história das formas sociais que condicionam a própria possibilidade de articulação entre esses tipos de trabalho locais e heterogêneos. Isso o leva a investigar as práticas sociais que implementam tais divisões formais. Podemos notar também através da passagem abaixo que sua análise bastante abstrata da forma-mercadoria é ela própria a base para uma teoria da história:

> O desenvolvimento da sociedade move-se historicamente do comunismo primitivo onde a produção é totalmente comunal, passo a passo para a extensão da produção individual unipessoal cobrindo cada área essencial e assim para o início da produção de mercadorias. Neste estágio, o uso da moeda cunhada anuncia a época da forma social do pensamento como intelecto puro separado. A produção manual torna-se produção singular, mas ao mesmo tempo o trabalho intelectual torna-se universalizado. Este estágio intermediário do desenvolvimento histórico foi alcançado na antiguidade clássica e produziu sociedades de apropriação em sua forma 'clássica' absoluta; a do trabalho escravo romano e grego onde o escravo não participa da sociedade humana.[310]

Já podemos ver que a Grécia Antiga é o principal ponto de inflexão pelo fato de constituir a origem da cunhagem de moedas. No entanto, esta ênfase também é reproduzida em sua análise das sociedades pré-cunhagem. Ao postular uma ligação entre a coesão de uma totalidade social dentro da lógica da forma valor e a composição histórica de diferentes formações sociais, os conceitos de abstração real e síntese social fornecem um paralelo marcante com a Teoria dos Sistemas-Mundo na análise das questões da divisão do trabalho e de como elas podem constituir uma certa formação social. Embora Sohn-Rethel não se aventure a compreender como a lógica do capitalismo se concretiza e cria

[310] [T]he development of society moves historically from primitive communism where production is totally communal, step by step to the extension of individual one-man production covering every essential area and thus to the beginning of commodity production. At this stage the use of coinage heralds the epoch of the social form of thinking as separate pure intellect. Manual production becomes single production, but at the same time intellectual labour becomes universalised. This middle stage of the historical development was reached in classical antiquity and produced societies of appropriation in their absolute 'classical' form; that of Roman and Greek slave labour where the slave does not partake in human Society. Sohn-Rethel, 2021, p.71.

certas hierarquias espaciais, ele oferece uma imagem de como a prática social inconsciente perpetua as próprias ações concretas que reproduzem a racionalidade da troca.

Vemos, assim, que o foco de Sohn-Rethel era conectar o processo de abstração em jogo na troca de mercadorias com a determinação de uma divisão categorial entre cabeça e mão, intelecto puro e trabalho manual puro. Tal divisão do trabalho pode ser chamada de "transcendental" no sentido de que não visa explicar tarefas particulares envolvidas num processo de produção complexo e disperso, mas a forma em que cada um desses passos precisa se encaixar para serem socialmente comensuráveis entre si como parte da lógica da mercadoria. No entanto, tal análise só pode distinguir formações sociais em termos de distinções muito amplas e categoriais entre elas, deixando de lado como a distribuição de tarefas entre classes, países e gêneros realmente leva a caracterizações distintas de um modo de produção - caracterizações muito mais refinadas que são muito úteis ao tentar compreender a constituição, lógica e propriedades de diferentes formações sociais. Tal ponto de vista alternativo é precisamente o ponto de partida da teoria dos Sistemas-Mundo.

## 2. Wallerstein e a Teoria dos Sistemas-Mundo

Na última seção, apontamos as origens da Abstração Real de Sohn-Rethel: a troca de mercadorias, especialmente com o surgimento da moeda cunhada, levou a um processo de abstração que dividiu o trabalho manual e intelectual. Esta divisão engendrou o surgimento da abstração ideal, que por sua vez fundamentou a filosofia grega e a ciência moderna. Nesta seção, tentaremos apresentar como a Teoria dos Sistemas-Mundo fornece uma análise fundamentalmente diferente da produção e troca de mercadorias e, portanto, uma explicação diferente para a divisão do trabalho. Nosso objetivo é mostrar como o capitalismo como economia-mundo é organizado através de uma disposição axial de áreas geográficas (centro-semiperiferia-periferia), ligadas por um aspecto diferente da divisão do trabalho e, nesse sentido, como a Teoria dos Sistemas-Mundo promove uma escala diferente de análise (uma que identifica o capitalismo como um sistema social em escala global). Mas antes de continuarmos, devemos primeiro considerar o que Wallerstein e outros teóricos semelhantes têm a dizer sobre a ascensão da economia-mundo moderna -- começando com a ascensão histórica do capitalismo e como seu modo de funcionamento e relações se propagaram ao longo do tempo.

Embora Wallerstein seja comumente conhecido como o membro mais proeminente da Teoria dos Sistemas-Mundo, seus argumentos históricos originam-se em grande parte do movimento francês anterior da Escola dos Annales, particularmente de Fernand Braudel e sua extensa obra *Civilização e Capitalismo*. Nesta última, Braudel apresenta sua visão sobre as origens do capitalismo, que, ao

contrário dos relatos da maioria dos historiadores e sociólogos, emerge no século XIII (mais especificamente na Itália). Esse distanciamento temporal pode parecer incomum, mas a principal preocupação de Braudel era elaborar uma análise de longo prazo abrangendo três a cinco séculos da economia-mundo capitalista, destacando sua continuidade; como foi transformada ainda que tenha permanecido " no essencial, igual a si mesmo"[311]. Fornecendo uma "biografia do capital" - que não é uma perspectiva de curto prazo, mas uma abordagem de *longa duração*[312] - a proposta do historiador era compreender a própria natureza do capitalismo, os padrões recorrentes subjacentes à sua "a sucessao de movimentos repetitivos, com variações e retornos, deteriorações, arranjos e estagnações."[313].

Segundo Braudel, a economia-mundo capitalista tem algumas características principais: 1. Tem um centro de gravidade, como o "coração logístico de sua atividade" (normalmente uma cidade, mas hoje poderia ser um Estado). Isso significa que mercadorias, capital, crédito, pessoas, instruções etc. fluem para dentro e para fora deste centro; 2. As cidades se revezam ocupando a posição de liderança desta dinâmica (movimentos de descentralizações e subsequentes centralizações ocorrem no tempo). Isso implica que cidades dominantes não dominam para sempre, elas se substituem causando mudanças que impõem uma nova organização da economia-mundo; 3. Há sempre uma hierarquia de zonas dentro desta: partindo do centro da economia-mundo, zonas sucessivas, como a região extensa que a circunda (áreas nas margens), formam uma articulação concêntrica geográfica sempre ao redor e orientada a partir do centro.[314] De acordo com esses pressupostos fundamentais, Braudel fornece uma visão geral ampla do desenvolvimento da economia-mundo capitalista, começando pelas cidades italianas no século XIII (Gênova, Florença e Veneza), depois Amsterdã e finalmente Londres -- que historicamente coincide com o capitalismo mercantil e a Revolução Industrial.

---

[311] Braudel, 2009, p.576

[312] A inovação metodológica mais significativa de Braudel foi, sem dúvida, a abordagem da longa duração. Ela modificou a visão da história sobre o escopo de sua investigação, mudou o foco da História, que antes estava centrado na análise de curta duração (normalmente centrada em eventos transitórios, como a biografia de um importante personagem histórico, uma guerra ou revolução), e concentrou esforços na investigação de estruturas que evoluem lentamente, que eram praticamente perenes. Portanto, transformou a própria noção de tempo histórico. Segundo Braudel: "Assim, por minha vez, defini ou antes, evoquei após alguns outros, os traços principais, do capitalismo comercial, para a Europa Ocidental, etapa de longa duração. Não obstante todas as modificações evidentes que os percorrem, esses quatro ou cinco séculos de vida econômica tiveram uma *certa* coerência, até a agitação do século XVIII e da revolução industrial da qual ainda não saímos. Alguns traços lhes são comuns e permanecem imutáveis, enquanto que em torno deles, entre outras continuidades, mil rupturas e agitações renovavam o aspecto do mundo, Entre os diferentes tempos da história, a longa duração se apresenta assim como um personagem embaraçante, complicado, amiúde inédito. Admiti-lo no coração de nosso mister não será um simples jogo, a habitual ampliação de estudos e curiosidades. Não se tratará, tampouco, de uma escolha cujo único beneficiário será ele. Para o historiador, ocultá-lo é prestar-se a uma mudança de estilo, de atitude, a uma alteração de pensamento, a uma nova concepção do social. Familiarizar-se com um tempo diminuído, por vezes, quase no limite do movediço." Braudel, 1978, pp. 52-53

[313] Braudel, 2009, 576-77

[314] Isto é resumido no tópico "Espaço e economias: as economias-mundos" em Braudel 2009, p. 14 em diante

Após este breve desvio pela obra de Braudel, é possível compreender o entendimento de Wallerstein sobre o Sistema-Mundo Moderno -- que foi amplamente influenciado pela noção de economia-mundo. É verdade que Wallerstein foi mais cauteloso ao estabelecer a "data de nascimento" do capitalismo. Segundo ele, este Sistema-Mundo particular não começou no século XIII, mas por volta do século XVII. No entanto, isso não o impediu de tomar de empréstimo outras concepções de Braudel, especialmente a ideia de uma cidade/Estado como centro de gravidade, em torno do qual as zonas marginais são organizadas de forma concêntrica e hierárquica. Nesse sentido, Wallerstein concentra sua análise em Amsterdã como o centro da economia-mundo seguido por Londres[315]: ao descrever o desenvolvimento do Sistema-Mundo Moderno, ele estabelece uma visão geral histórica para explicar não apenas como ele veio à tona, mas também como se perpetuou. É por isso que a partir do século XVI em diante, o Sistema-Mundo Moderno, mantendo e repetindo esta estrutura, executa a mesma organização social, uma tal que é dividida num arranjo hierárquico entre centro-semiperiferia-periferia (o que Braudel chamou anteriormente de áreas centrais e marginais da economia-mundo capitalista). E o que Wallerstein quer dizer com isso? Segundo ele:
Aqui está o texto com a formatação corrigida:

> As economias-mundo estão divididas, pois, em estados do centro e áreas periféricas. Não digo estados periféricos porque uma característica das áreas periféricas é que o aparelho de Estado é débil, oscilando entre a não existência (isto é: uma situação colonial) e a existência com um escasso grau de autonomia (isto é, uma situação neocolonial). Existem também áreas semiperiféricas que estão entre o centro e a periferia numa série de dimensões, tais como a complexidade das atividades económicas, a força do aparelho de Estado, a integridade cultural, etc. Algumas destas áreas tinham sido áreas centrais em ocasiões anteriores de uma certa economia-mundo. Outras tinham sido áreas periféricas, promovidas mais tarde, por assim dizer, em resultado da geopolítica mutável duma economia-mundo em expansão.[316]

O Sistema-Mundo, enquanto um quadro espaço-temporal, designa uma forma social específica (capitalista). Para Wallerstein, como veremos mais detalhadamente na próxima seção, ele é um sistema orientado para a auto expansão e acumulação de capital. E ambos os processos estão alinhados com a

[315] Não é possível reconstruir toda a demonstração histórica de Wallerstein sobre como Amsterdã, no século XVI, tornou-se o núcleo da economia-mundo moderna, sendo posteriormente seguida pela Inglaterra. Mas é possível sintetizar as razões: o monopólio do comércio báltico, a capacidade de produção de navios e um sistema financeiro. "Nesta base, Amesterdão converteu-se num tnplo centro da economia européia: mercado de produtos, centro de embarque e mercado de capitais" Wallerstein, 1974, p. 211. Em relação à Inglaterra, as razões pelas quais ela se tornou o núcleo da economia-mundo no século XVIII foram as seguintes: o comércio interno, ou seja, um mercado nacional sendo controlado por um monopólio fechado (*Idem*, p. 270-1), a ascensão da renda monetária (movimento dos cercamentos) e, correlativamente, a ascensão do trabalho assalariado (não do trabalho coercitivo, como em uma "segunda servidão"), a ascensão do pequeno agricultor yeoman e, finalmente, um forte controle central sobre o poder judiciário, que tornou todas as condições acima legalmente possíveis (*Ibid.*, p. 109-114).
[316] Wallerstein, 1974, p. 339

divisão centro-semiperiferia-periferia. Este modo de organização revela, no fundo, um caráter exploratório, que ocorre em três domínios: 1. De acordo com o tipo de mercadoria que é tradicionalmente produzida num dado lugar no sistema-mundo, seja em áreas periféricas ou no centro; 2. Este tipo de produção engendra uma troca desigual (uma troca desproporcional baseada na disparidade dos valores das mercadorias), de modo que o lucro está constantemente fluindo em direção ao centro. Mas acima de tudo, o caráter exploratório está relacionado a 3. o tipo de trabalho que é realizado nas áreas periféricas em oposição àquele que ocorre no centro. É o trabalho que determina o valor de um produto, de modo que o trabalho de baixo salário na periferia e o trabalho de alto salário no centro finalmente revela como o Sistema-Mundo capitalista é exploratório num mercado global. Tal é a divisão social do trabalho, agora analisada em seu aspecto internacional, que investigaremos na próxima seção.

### 2.1. A Divisão Internacional do Trabalho

A auto expansão e a acumulação parecem ser as regras básicas do Sistema-Mundo capitalista para Wallerstein. Está bem estabelecido que quando o centro produz em excesso, uma crise de superprodução torna-se um perigo iminente. Para evitar isso, há uma alternativa que poderia ser vista como uma espécie de "mecanismo de controle". Como já mencionamos, o capitalismo precisa garantir o lucro e uma maneira de garanti-lo é aumentar a demanda mundial, o que pode ser feito "pela transformação social de alguns processos produtivos de trabalho não assalariado em processos de trabalho assalariado"[317] Este processo, que Wallerstein chama de "proletarização", faz politicamente grande diferença. A renda real do trabalhador aumenta e os direitos legais formais se expandem. Mas então chegamos a uma das contradições mais evidentes do capitalismo: a demanda aumenta apenas até um certo ponto, mas também os custos trabalhistas se tornam mais altos, o que, a longo prazo, produz uma decadência na taxa de lucro. Todos os caminhos parecem levar a uma crise econômica, exceto por um procedimento: vender mercadorias para áreas periféricas, a fim de manter a auto expansão do capitalismo que garante a acumulação pelo centro. Uma das consequências é que, enquanto há também trabalho "proletarizado" nos estados centrais, nas áreas periféricas o trabalho é mal pago, com poucos ou nenhum direito trabalhista. Essa diferença entre esses tipos de formas de trabalho constitui uma divisão internacional do trabalho que se baseia num desequilíbrio entre o que acontece no centro e o que acontece na periferia do Sistema-Mundo. De acordo com Wallerstein:

[317] "by the social transformation of some productive processes from non-wage labor to wage labor processes" Wallerstein 1991, p. 290

> A troca de produtos contendo quantidades desiguais de trabalho social podemos chamar de relação centro/periferia. Isso é disseminado, contínuo e constante. As localizações geográficas de atividades produtivas são tais que as atividades de produção tipo centro e as atividades de produção tipo periferia tendem cada uma a estar espacialmente agrupadas.[318]

Normalmente, cada mercadoria contém uma quantidade particular de trabalho social determinante para seu preço. Por causa disto, algumas mercadorias serão mais valiosas e caras do que outras. Esta disparidade inerente à produção da mercadoria implica uma discrepância na própria troca, pois os países no centro do capitalismo tenderão a vender produtos mais valiosos e caros, enquanto aqueles na periferia venderão produtos com menor valor agregado. Esta discrepância foi definida por Wallerstein (e também pela Teoria da Dependência[319]) como "troca desigual": "uma troca entre o centro e a periferia de um sistema capitalista sendo aquela entre produtos de altos salários e produtos de baixos salários"[320] Portanto, a troca desigual acontece não apenas quando diferentes mercadorias têm diferentes valores agregados (compare, por exemplo, uma commodity do agronegócio como soja *in natura* e um produto de alta tecnologia como um telefone celular), mas também quando incorporam diferentes quantidades de trabalho social, uma vez que diferentes lugares estão agora ligados a diferentes valores de trabalho para as mesmas atividades sociais:

> Não apenas bens diferentes foram produzidos em diferentes setores da economia-mundo, mas os trabalhadores que produziram esses bens diferentes receberam salários diferenciais, o que foi ao mesmo tempo um meio de transferir excedente de uma área para outra (a chamada troca desigual) e um meio de acalmar o protesto social nas áreas centrais politicamente chave da economia-mundo. Podemos ter descoberto esta realidade recentemente, mas como fenômeno social data do século XVI.[321]

As áreas periféricas tornam-se as produtoras comuns de mercadorias mais baratas, com baixo valor agregado, normalmente produzidas por trabalhadores de baixos salários (isto é, um trabalho mais exploratório). No centro, ao contrário, ocorre um trabalho de altos salários, isto é, um trabalho mais

---

[318] The exchange of products containing unequal amounts of social labor we may call the core/periphery relationship. This is pervasive, continuing, and constant. There tend to be geographical localizations of productive activities such that core-like production activities and periphery-like production activities tend each to be spatially grouped together (Wallerstein, 1984, p. 61)

[319] Ver Amin, 1987

[320] "an exchange between the core and the periphery of a capitalist system being that between high-wage products and low-wage products" Wallerstein 1991, p. 71.

[321] "Not only have different goods been produced in different sectors of the world-economy but the workers who produced these different goods have been paid differential wages, which has been at one and the same time a means of transferring surplus from one area to another (so-called unequal exchange) and a means of becalming social protest in the politically key core areas of the world-economy. We may only have discovered this reality recently, but as a social phenomenon it dates back to the sixteenth century." Wallerstein 1991, p. 122

qualificado e formal (menos exploratório). É também por isso que estas mercadorias desproporcionadas, quando inseridas na troca desigual, geram uma diferença no lucro, que flui da periferia em direção ao centro, o lugar geográfico da acumulação de mais-valia.[322] Desta forma, é fácil ver como os estados centrais estão sempre "competindo pelo privilégio de explorar (e enfraquecer os aparatos estatais de) áreas periféricas, e permitindo que certas entidades desempenhem um papel especializado e intermediário como potências semiperiféricas".[323]

Isso resume o caráter exploratório que mencionamos antes sobre a relação entre centro-semiperiferia-periferia. É possível ver como Wallerstein foi profundamente influenciado pelo contexto colonial e como os estados centrais e as áreas periféricas têm uma relação marcada pela apropriação e acumulação de recursos pelo centro.[324]O que outrora foi entendido como uma divisão entre economias avançadas e não avançadas, baseada na noção de desenvolvimento e subdesenvolvimento econômico (e simplificada pelo dualismo "rico" e "pobre") poderia ser representado em vez disso pela imagem de "uma área periférica produtora de matéria-prima"[325], contrastada com a atividade econômica “mecanizada e altamente lucrativa"[326] no centro. E "na medida em que alguns estados funcionam como *loci* de tipos mistos de atividades de produção (algumas tipo centro, algumas tipo periferia), podemos falar de tais estados como semiperiféricos"[327]. Enquanto os estados localizados na periferia concentrarão sua produção econômica na exploração de recursos naturais (especialmente minerais e agrícolas), a fim de fornecer matérias-primas para a cadeia de produção, o centro intensificará seus empreendimentos econômicos com bens acabados, que completaram o processo de fabricação, para que esses produtos (produtos de valor agregado com maior valor de mercado) satisfaçam as necessidades de consumo do centro, mas também sejam vendidos de volta para a periferia. Uma vez que esta divisão demonstra um padrão em relação à produção dentro de um Sistema-Mundo, é

[322] "Poderia ser mais fácil entender este ponto com a ideia de cadeias de mercadorias. Segundo Wallerstein, "Por cadeia de mercadorias entendemos 'uma rede de processos de trabalho e produção cujo resultado final é uma mercadoria acabada' (Hopkins e Wallerstein, 1986: 159). Todas as firmas ou outras unidades de produção recebem insumos e enviam produtos. [...] Ao rastrear as redes dessas cadeias de mercadorias, pode-se acompanhar a contínua divisão e integração dos processos de trabalho e, assim, monitorar o constante desenvolvimento e transformação do sistema produtivo da economia-mundo. A direção principal dos movimentos interzonais ao longo das cadeias de mercadorias é de um produto periférico para um produto central. Isso se reflete na suposição generalizada (e simplificada) de que as zonas periféricas produzem as matérias-primas e as zonas centrais, os produtos industriais. Sabemos que essa imagem simplificada é demasiado simples. No entanto, por mais complexa que tornemos nossa análise do funcionamento da economia-mundo, continua sendo verdade que os principais movimentos interzonais ao longo das cadeias de mercadorias têm a direção periferia-centro" (Hopkins; Wallerstein 1994, p. 17-18)."

[323] “competing for the privilege of exploiting (and weakening the state machineries of) peripheral areas, and permitting certain entities to play a specialised, intermediary role as semiperipheral powers” Wallerstein 1991, p. 196-7

[324] Wallerstein, 1974 pp 190-193

[325] “a peripheral, raw material producing area” Wallerstein 1991, p. 7

[326] “Mechanized and highly profitable” Wallerstein, 1984 p. 61

[327] “insofar as some states function as loci of mixed kinds of production activities (some core-like, some periphery-like), we can speak of such states as semiperipheral.” *Idem*

importante notar que algumas atividades econômicas específicas tornam-se normalmente associadas ao centro, enquanto outras às áreas periféricas.

Tudo isso leva à conclusão de que é a divisão do trabalho que fundamenta a própria demarcação do Sistema-Mundo organizado através de centro-semiperiferia-periferia: "uma economia-mundo com uma única divisão do trabalho dentro da qual havia um mercado mundial"[328] O conceito-chave do Sistema-Mundo capitalista é, portanto, uma única divisão do trabalho mundial, que constitui o caráter particular das sociedades capitalistas de uma maneira que é invisível para uma análise que se concentra na prática localizada da produção e troca de mercadorias, como em Sohn-Rethel, e revela-se apenas adotando uma visão mais ampla e sintética. Isto é o que dividiu as várias zonas desta economia de uma forma que "tinham papéis económicos específicos. desenvolviam estruturas de classe diferentes, utilizavam consequentemente diferentes formas de controlo do trabalho e beneficiavam desigualmente do funcionamento do sistema "[329]. É esta divisão do trabalho que conecta todas as áreas geográficas da economia-mundo, criando um mercado mundial -- um que não é local e restrito a uma região específica, mas que está constantemente se estendendo a áreas cada vez mais engolfadas pela tendência auto expansiva do capitalismo. Esta síntese reforça os dois principais objetivos do sistema social histórico que chamamos de capitalismo: sua intenção de auto expansão e a propensão a acumular mais do mesmo (acumulação de capital)[330].

Uma última coisa que merece ser notada é como a definição de sistema-mundo sugere não apenas que ele deve ser considerado como um sistema social (uma vez que se baseia na noção de trabalho social), mas também que ele realiza uma espécie de unidade. Este ponto está consequentemente implícito: se o Sistema-Mundo é composto por diferentes áreas geográficas (centro-semiperiferia-periferia) que estão interligadas, se essas regiões estão todas conectadas através de uma divisão internacional do trabalho, uma que forma um mercado mundial onde as mercadorias são trocadas apesar das fronteiras nacionais ou regionais, então não seria incorreto ver o Sistema-Mundo capitalista como uma espécie de *todo integrado*. Como uma totalidade auto encerrada[331] que compreende todos os seus elementos e relações internas, reafirmando a ideia de que estamos analisando um sistema social abrangente, numa escala mundial. Embora suas ferramentas e métodos sejam profundamente distintos daqueles que Sohn-Rethel emprega ao discutir as condições de possibilidade de uma coesão socialmente sintética para a realidade capitalista, a TSM também fornece, em última análise, uma teoria do horizonte que integra fenômenos sociais como parte de uma dinâmica

[328] "a world-economy with a single division of labour within which there was a world market" Wallerstein 1991, p. 16
[329] Wallerstein, 1974, 162
[330] Wallerstein, 1983, p. 13-14.
[331] Wallerstein 2004, p. 16-17.

comum, determinando fenômenos sociais locais através de um conjunto objetivo de práticas sociais espalhadas por uma região maior.

O tema da divisão do trabalho oferece um ponto interessante de comparação entre Sohn-Rethel e a TSM. Por um lado, ambos os referenciais estão investidos em mostrar como uma estrutura subjacente -- invisível para a análise imediata do trabalho e da troca -- sobredetermina as condições da prática social. Mas para Sohn-Rethel, esta estrutura diz respeito a uma pressuposição categorial, um processo de abstração sem o qual os objetos e atividades dos homens não apareceriam como parte de um mesmo tecido social, enquanto, para a TSM, a estrutura determinante não é uma questão de abstração, mas sim de restrição descendente de como diferentes localidades se relacionam entre si, como centros, semiperiferias ou periferias do mesmo sistema.

Num certo sentido, os recuos de Sohn-Rethel para a análise da condição de possibilidade da coesão social sob a troca de mercadorias -- que leva à sua conclusão sobre a ascensão do pensamento abstrato ocidental -- dizem respeito ao próprio cerne do que torna as práticas sociais locais eficazes no capitalismo: é preciso agir de tal forma que as diferenças concretas entre os objetos sejam abstraídas, é preciso abstrair a cabeça da mão para tornar quaisquer duas mercadorias comensuráveis. A operação proposta pela TSM, por outro lado, é lançar uma luz sistêmica sobre o local, mostrando que podemos entender melhor por que algumas ações e formas de trabalho ocorrem neste ou naquele lugar, considerando seu lugar na divisão internacional do trabalho numa economia-mundo.

Essas duas abordagens podem ser vistas, então, como focando em diferentes aspectos ou "eixos" da divisão do trabalho -- uma que desenterra o processo de abstração que começa no nível local, a outra o processo de concretização que começa no global. A questão, então, torna-se se o próprio Sohn-Rethel seria capaz de abordar o segundo eixo em seu próprio quadro, ou se isso permanece além do escopo de seu projeto.

### 3. Sobre a Síntese Social

Por trás de todas as elaborações de Sohn-Rethel sobre a forma mercadoria, a abstração da troca e sua relação com as abstrações cognitivas está o conceito subvalorizado de *síntese social*. Este conceito explicita as maneiras particulares pelas quais um todo social é estruturado através das interações dos agentes que estão nele inseridos. Sohn-Rethel propõe que há uma conexão formal entre nossas capacidades cognitivas (nossa consciência) e a lógica operando em formas sociais específicas (nossa rede de relações)[332]. Desta forma, não só é possível mapear como certas crenças são postas em

[332] Sohn-Rethel, 2021, p.7

prática na sociedade, mas como elas coalescem num estado de coerência social mínima[333]. Nesse sentido, a síntese social é um conceito fundamental para nosso confronto entre abstração real e Teoria dos Sistemas-Mundo. Teremos mais a dizer sobre esse confronto, mas por enquanto vamos tornar mais preciso como Sohn-Rethel usa este conceito. Uma maneira de abordá-lo é entendendo as diferenças entre o que Sohn-Rethel considera *sociedades de produção versus sociedades de apropriação.*

O primeiro tipo corresponde aproximadamente ao que Marx chama de "modos de produção comunitários", onde a produção é transparente para o todo social no sentido de que todos participam do processo de produção ou são cuidados em termos de ter acesso a uma parte prevista do resultado do processo de produção. Segundo Sohn-Rethel, isso corresponde aproximadamente à ideia de uma sociedade sem classes; enquanto as *sociedades de apropriação* correspondem ao seu conceito de uma sociedade diferenciada por classes - o que implica a "apropriação" de uma parte do resultado do produtor direto por uma parte *diferente* do *socius*, representada em nossas sociedades contemporâneas pelos capitalistas. Esta última é uma sociedade de apropriação no sentido de que: 1. o produtor direto, ou trabalhador, não tem direito direto ao resultado de seu próprio esforço; 2. que cada capitalista apropriador realiza a produção independentemente uns dos outros, o que por sua vez implica que, para que um tenha acesso à produção do outro, ou o trabalhador tenha acesso a uma parte do produto de seu próprio esforço, eles devem se engajar na troca. Desse ponto de vista, torna-se claro num sentido muito preciso que a troca, e com ela, a *abstração da troca* é um produto da *forma* social engendrada pela rede de ações que constituem o todo social - explicitando o sentido em que a abstração da troca tem então uma *função social-sintética*: é o meio através do qual diferentes partes do tecido social são relacionadas entre si. Além disso, a relação entre trabalhador e capitalista indexa a diferença fundamental entre trabalho manual e intelectual como um bloco de construção básico da sociedade de classes, como Sohn-Rethel a retrata. Não apenas os meios de produção são então sobrepostos por uma lógica burguesa, mas as faculdades cognitivas e a própria prática da ciência estão ligadas a ela.

Embora tenhamos acabado de abordar a abstração real como uma condição para a síntese social das sociedades de apropriação, não é difícil inverter a relação entre condição e condicionado, pensando que, do ponto de vista da análise do todo social, é a inspeção das maneiras pelas quais o todo social é reunido por seu nexo que torna a abstração uma característica importante do modo de produção especificamente capitalista. A ideia de diferentes *tipos de abstração* torna-se pensável, servindo a

[333] Para ampliar a concepção de Sohn-Rethel sobre o funcionamento da síntese social, a elaboração de Sylvia Wynter sobre o que ela chama de princípio sociogênico pode ser proveitosa. No relato de Wynter, os códigos ou normas sociais decorrem de *mythoi*, ou histórias de origem, que têm seus valores assimilados individualmente por meio da aculturação e internalizados pelo comportamento neuroquímico: nosso sistema de recompensa de opiáceos reage de acordo com o que é socialmente incentivado e o que é proibido. Isso permite uma descrição do funcionamento cognitivo e neuroquímico e do reforço da síntese social. Cf. Sylvia, Wynter. Rethinking 'Aesthetics' Notes Towards A Deciphering Practice. 1992.

diferentes tipos de funções social-sintéticas. Com isso, a síntese social prova não apenas ser útil para entender como um certo nexo é estabelecido sob uma sociedade regida pela lógica da mercadoria, mas pode também ajudar-nos a visualizar outras funções social-sintéticas, onde a lógica da apropriação poderia ser substituída.

Isso, por sua vez, coloca o problema da *escalabilidade* das funções sociais sintéticas: se a síntese social é realizada em todos os lugares pelo mesmo tipo de abstração, e se a economia mundial pode ser pensada como uma grande sociedade ou se essa escalabilidade implica a modulação das funções sociais sintéticas do capital, e talvez sua relação e mistura com outros tipos de funções sociais sintéticas à medida que se globalizam. Nesse sentido, a síntese social pode ser complexificada quando abordada ou pensada juntamente com a divisão internacional e interna do trabalho[334]. Como a síntese social é modulada e quais aspectos dela são eficazes sob diferentes condições?

### 3.1 Escalabilidade e Síntese Social

O lugar da escala em Sohn-Rethel merece alguma atenção em qualquer esforço de aplicar seu trabalho aos problemas colocados pela Teoria dos Sistemas-Mundo, uma vez que revela algo sobre a maneira como Sohn-Rethel aborda o surgimento da divisão do trabalho. Em suma, cada sociedade deve remendar o cisma entre produção e distribuição através da categoria de síntese social.
Como bom estudioso de Marx, a teoria da síntese social de Sohn-Rethel explica um elo entre ciência e produção onde "os fundamentos válidos da ciência de uma época são aqueles que estão de acordo com a síntese social dessa época,"[335] um claro aceno ao motivo marxista muito conhecido das formas sociais determinando a consciência. O foco na ciência, naturalmente, serve não apenas como uma maneira de trazer as questões de volta à epistemologia, mas também identifica a ciência e a 'cientificização' do trabalho como uma resposta a uma complexificação do social.

Nesse sentido, a questão da escala é a espinha dorsal da categoria de síntese social: se a ciência representa aquilo que remenda a fissura entre a produção e sua organização, ela só emerge no momento em que "a produção física perdeu sua coesão social direta", quando "só pode formar uma totalidade viável por intermédio de uma rede de troca sob o domínio da propriedade privada."[336] O que está em

[334] Para além da contribuição de Wallerstein sobre a teoria do sistema-mundo, a divisão internacional do trabalho e a escalabilidade, a 'síntese social' pode também lidar com a divisão interna do trabalho: ou as categorias de trabalho improdutivo ou reprodutivo, socialmente atribuídas às mulheres e analisadas por autores como a antropóloga Gayle Rubin e os estudos feministas sobre a reprodução social.
[335] "the valid foundations of the science of an epoch are those in keeping with the social synthesis of that epoch," Sohn-Rethel, 2021, p.64
[336] "physical production has lost its direct social cohesion," when it "can only form a viable totality by the intermediary of a network of exchange under the rule of private property." Sohn-Rethel 2021, p. 65

jogo aqui é aquilo que Sohn-Rethel chama de passagem do artesanato à ciência, um desacoplamento da unidade entre manual e mental impulsionado pelo capital comercial, propriedade privada e o aumento da interdependência na sociedade que ocorre em paralelo com mudanças tecnológicas.
Claro, pode-se contra-argumentar tal afirmação alegando que ela se baseia num certo momento "não social" da produção. No entanto, o que é importante aqui não é *quando* o artesão solitário interage com o mercado, mas *como* essas formas comerciais de capital operam e determinam cada vez mais a forma do processo de trabalho.

Sohn-Rethel usa o artesanato medieval como exemplo, argumentando que a principal capacidade que os artesãos não tinham em sua prática geral era, na verdade, uma capacidade de abstrair seu próprio trabalho para um contexto maior. Para ele, a matemática (e uma matematização crescente do social) estão entrelaçadas com o capital porque enquanto a matemática expressa a "lógica do pensamento socializado" e é a principal facilitadora da divisão entre cabeça e mão, exercendo sua influência na economia, o capital "governa os poderes da produção social".

O esquema então é o seguinte: o capital comercial impulsiona uma mudança na estrutura social, abrindo uma cisma maior entre produção e apropriação, o que gera uma fratura na habilidade do trabalhador através de uma "cientificização" do processo de trabalho facilitada pela matemática. Deve-se entender aqui que Sohn-Rethel não está realmente oferecendo uma crítica da matemática ou argumentando por sua subsunção ao capital. Em vez disso, o que está sedimentado em passagens como a seguinte é que as novas demandas ampliadas das formas antediluvianas de troca são um importante impulsionador da modernidade capitalista. A hipótese de uma economia mundial, baseada em tais questões de escala, é colocada em questão pelo próprio Sohn-Rethel:

> A questão permanece: como esta forma de trocabilidade contribui para efetuar a síntese social através da troca? A resposta é simplesmente que ela dá à síntese social sua unidade. Quando o comércio de mercadorias atingiu o estágio em que constitui o *nexus rerum* [nexo das coisas] decisivo, então a 'duplicação da mercadoria em mercadoria e dinheiro' (Marx) já deve ter ocorrido. Mas o inverso também é possível -- que esta duplicação muito cedo leve a troca de mercadorias a se tornar um meio decisivo de síntese social (um estágio alcançado pela primeira vez na Jônia no século VII a.C.). O dinheiro, então, atua como o portador concreto e material da forma de trocabilidade das mercadorias. Que esta forma possa ser expressa como a unicidade da existência das mercadorias explica por que se atribui ao dinheiro uma unidade funcional essencial: só pode, no fundo, haver um dinheiro no mundo. Pode, naturalmente, haver diferentes moedas, mas enquanto estas fizerem serviço monetário efetivo dentro de sua própria órbita, devem ser intercambiáveis a taxas definidas e assim comunicar-se para se tornar um, e apenas um, sistema monetário universal. Assim, todas as sociedades de troca comunicantes efetuam uma unidade funcional. Isso se aplica mesmo a lugares geograficamente isolados onde sistemas de troca, quando o contato entre si é estabelecido, mais cedo ou mais tarde coalescerão para

> formar um nexo econômico estendido. Escusado será dizer que, sem essa unicidade essencial do nexo de troca, a própria viabilidade da troca em si se desfaz.[337]

Aqui, Sohn-Rethel alude à necessidade de um sistema mundial unificado de atividade econômica, reunido pela abstração da troca. É importante enfatizar, dentro desta citação, a ideia de que "mais cedo ou mais tarde [sistemas de troca geograficamente isolados] coalesceriam para formar um nexo econômico estendido". Embora esta ideia aponte para a formação de uma divisão do trabalho que abrange o mundo, os detalhes desta divisão permanecem em aberto para discussão.

Enquanto a Teoria dos Sistemas-Mundo fundamenta a divisão do trabalho em sua atualidade como impulsionando a produção de um certo tempo e espaço e estabelecendo uma forma sem precedentes de interdependência, Sohn-Rethel percebe que o capitalismo tem dentro de si não uma, mas duas lógicas de equivalência que estão imbricadas nesta escalada do mundo:

1) A lógica 'comercial' que representa esta forma antediluviana de capital e é: inconsciente, indireta, enraizada num circuito de troca e se aplica ao trabalho morto.
2) A lógica 'taylorista' que é: enraizada no processo de produção, diretamente quantificada, ocorre conscientemente com o objetivo de quantificação desde o início, é implementada em tarefas particulares e inserida numa rede mais ampla e se aplica ao trabalho em movimento.

Embora Sohn-Rethel não desenvolva completamente esta conexão, essas duas lógicas não aparecem globalmente como mutuamente exclusivas, mas da mesma maneira fraturada. Nesse sentido, a primeira representa a expansão dos mercados e a segunda o movimento concomitante através do qual essa expansão afeta a produção.

Claro, não é por coincidência que essas categorias estão entrelaçadas com o que Marx chama de subsunção formal e real como dois momentos de um processo sempre repetido dentro das economias capitalistas. Enquanto a lógica comercial facilita a subsunção formal em sua relação com a extração

[337] The question remains: how does this form of exchangeability contribute in effecting the social synthesis through exchange? The answer is simply that it gives the social synthesis its unity. When trading in commodities has reached the stage where it constitutes the all-decisive nexus rerum then the 'duplication of the commodity into commodity and money' (Marx) must already have occurred. But the reverse is possible too – that this duplication very soon leads to commodity exchange becoming a decisive medium of social synthesis (a stage first reached in Ionia in the seventh century b.c.). Money, then, acts as the concrete, material bearer of the form of exchangeability of commodities. That this form can be expressed as the oneness of the commodities' existence explains why there attaches to money an essential, functional unity: there can, at bottom, be only one money in the world. There can, of course, be different currencies, but so long as these do effective monetary service within their own orbit, they must be interchangeable at definite rates and thus communicate to become one, and only one, universal money system. Thus all communicating societies of exchange effect a functional unity. This applies even to geographically isolated places where exchange systems, when contact with each other is being made, will sooner or later coalesce to form one extended economic nexus. Needless to say, without this essential oneness of the exchange nexus, the very viability of exchange itself breaks down. Sohn-Rethel 2021, p. 36-7

de mais-valia absoluta, a influência disso é aquilo que realmente impulsiona a subsunção real e o súbito predomínio da extração de mais-valia relativa que se apodera através de uma medição crescente do processo de trabalho. O circuito de troca subordina tanto mercadorias quanto relações sociais a uma lógica comercial; a produção, usando o taylorismo, também age através de uma lógica de subsunção: a lógica do taylorismo, à medida que aplica o princípio de "controle do capital sobre a produção" que eventualmente levará ao monopólio. E ao praticar "o monopólio como o terceiro estágio do modo de produção capitalista"[338], ele revela sua tendência a se expandir continuamente. Então, estamos diante de duas lógicas entrelaçadas que se complementam. Enquanto a lógica comercial engolfa coisas e relações sociais (transformando tudo em mercadorias), o taylorismo expande uma lógica de produção como método padrão em todo o mundo, resultando em monopólio.

Isso é abordado pela análise de Sohn-Rethel do taylorismo, mas o que diferencia a sua abordagem é que, em vez de colocar a matematização e a cientificização como uma intensificação fatalista, ele vê a coexistência dessas duas lógicas como uma impossibilidade de fechar o 'salto mortal' que caracteriza o circuito entre produção e distribuição. Em vez disso, essa escala aumentada do taylorismo não é realmente algo a ser oposto por padrão, mas constitui um recurso para a construção de uma economia pós-capitalista e para a possibilidade de uma ciência pós-capitalista como tal.

No entanto, da mesma maneira que a divisão internacional do trabalho exerce seu domínio nos termos da troca, ela faz o mesmo em termos do controle que mantém sobre a ciência. Isso é realizado através dos meios óbvios do controle de patentes e conhecimento, mas também pelo desenho da economia mundial como tal. Estudando a distribuição dos lucros gerados pela inovação técnica no Norte e no Sul, Arrighi, Silver e Brewer escrevem:

> O processo tende a começar nos países mais ricos porque as altas rendas criam um ambiente favorável para inovações de produto; os altos custos criam um ambiente favorável para inovações técnicas; e o crédito barato e abundante cria um ambiente favorável para financiar estas e outros tipos de inovações. Além disso, como os inovadores nos países ricos colhem recompensas anormalmente altas (...). O lado inverso deste círculo virtuoso é uma segunda tendência, a tendência, isto é, de que os países mais pobres no extremo receptor do processo colham poucos, se algum, dos benefícios das inovações. Como enfatizado especialmente no modelo de "ciclo de vida do produto" de Vernon, a difusão espacial das inovações anda de mãos dadas com sua rotinização, isto é, com elas deixando de ser inovações no contexto global mais amplo. Como resultado, no momento em que os "novos" produtos e técnicas são adotados pelos países mais pobres, eles tendem a estar sujeitos a intensa concorrência e não trazem mais os altos retornos que traziam nos países mais ricos (...). Igualmente, se não mais importante, é uma terceira tendência (...). Os países pobres não estão necessariamente mais expostos do que os países ricos à destrutividade das grandes

[338] "control of capital over production" e "monopoly as the third stage of the capitalist mode of production" Sohn-Rethel, 2021 p. 154

> inovações. No entanto, a maior massa e variedade de recursos que os países ricos comandam nacional e globalmente dotam seus residentes de uma capacidade muito maior de se ajustar social e economicamente às tensões disruptivas e de passar rapidamente das atividades que as inovações tornam menos recompensadoras para aquelas que tornam mais recompensadoras. Como resultado, mesmo quando não iniciam as inovações, os países ricos tendem a estar numa posição incomparavelmente melhor do que os países pobres e de renda média para colher seus benefícios e transferir seus custos e disrupções para outros.[339]

Todas estas três tendências listadas por Arrighi e cia sinalizam uma percepção crucial: que embora o dilema implicado na síntese social entre produção e distribuição em geral e entre uma lógica 'comercial' e uma lógica 'taylorista' ainda permaneça, ele é completamente reenquadrado na periferia.

A Teoria dos Sistemas-Mundo é uma crítica de um regime espaço-temporal da economia mundial. Sohn-Rethel traz uma crítica da epistemologia perfurada por uma crítica das determinações formais pelo capital; cada um tem seus pontos de complementaridade. *Enquanto o primeiro está preocupado com o desenvolvimento do capitalismo, sua unificação numa economia-mundo e como isso ecoa a divisão do trabalho em escala internacional, o segundo está preocupado com a maneira pela qual uma complexificação do nexo entre produção e distribuição gera novas formas de síntese social, constituindo a origem da divisão do trabalho e impondo uma estrutura cognitiva particular*.
É apenas sintetizando esses dois ângulos sobre a divisão do trabalho que somos capazes de executar uma jogada final: a localização da categoria de síntese social dentro de um certo arranjo sistêmico-mundial. Ao fazê-la, retemos tanto o escopo da Teoria dos Sistemas-Mundo quanto conseguimos abordar a estrutura cognitiva dessas posicionalidades dentro da totalidade de um sistema-mundo. E o fazemos não recorrendo ao ideológico como uma esfera separada, mas ligando as maquinações lógicas e empíricas da economia-mundo ao problema epistêmico de como este sistema é apreendido através das diferentes e contraditórias posições que o compõem.

[339] The process tends to begin in the wealthier countries because high incomes create a favorable environment for product innovations; high costs create a favorable environment for innovations in techniques; and cheap and abundant credit creates a favorable environment for financing these and all other kinds of innovations. Moreover, as innovators in wealthy countries reap abnormally high rewards (...). The obverse side of this virtuous circle is a second tendency—the tendency, that is, for the poorer countries at the receiving end of the process to reap few, if any, of the benefits of the innovations. As emphasized especially in Vernon's "product cycle" model, the spatial diffusion of innovations goes hand in hand with their routinization—that is, with their ceasing to be innovations in the wider global context. As a result, by the time the "new" products and techniques are adopted by the poorer countries they tend to be subject to intense competition and no longer bring the high returns they did in the wealthier countries (...). Equally if not more important is a third tendency (...). Poor countries are not necessarily more exposed than wealthy countries to the destructiveness of major innovations. Nevertheless, the greater mass and variety of resources that wealthy countries command nationally and globally endow their residents with a far greater capacity to adjust socially and economically to the disruptive strains and to move promptly from the activities that innovations make less rewarding to those they make more rewarding. As a result, even when they do not initiate the innovations, wealthy countries tend to be in an incomparably better position than poor and middle-income countries to reap their benefits and shift their costs and disruptions onto others. Arrighi et. al, 2003, p. 18

### 3.2 Abstração e a periferia da economia-mundo

Há um aspecto particular do capitalismo contemporâneo que pode servir como um lugar privilegiado para analisar como os dois "eixos" da divisão do trabalho que temos investigado se juntam, e como as percepções centrais de Sohn-Rethel podem adquirir uma nova luz sob a TSM, nomeadamente, a questão de como a abstração real funciona na periferia da economia-mundo. Embora uma suposição comum seja que quanto mais longe estamos do centro de um sistema capitalista, mais longe estaríamos do núcleo da abstração da mercadoria, devido ao caráter híbrido de muitos regimes sociais periféricos, este não é realmente o caso. Na verdade, quanto mais analisamos os subúrbios da divisão internacional do trabalho, mais clara se torna a dimensão abstrata da lógica da mercadoria e da dominação.

Toscano e Kinkle, em *Cartographies of the Absolute*, relacionam o problema econômico da constituição de um sistema mundial ao problema epistemológico da *visibilidade* das relações econômicas sob o capitalismo globalizado[340]. Baseando-se na ideia de *mapeamento cognitivo* de Fredric Jameson, Toscano e Kinkle abordam o problema de como retratar um todo social tão complexo e fraturado quanto aquele constituído pelo sistema mundial. Um problema que é crucial para abordar corretamente os problemas político-econômicos da época.

> Por trás deste apelo estava a afirmação -- mesclando a formulação original de 'mapeamento cognitivo' do planejador urbano Kevin Lynch com a definição de ideologia de Althusser como a representação imaginária do sujeito de sua relação com o Real -- que uma incapacidade de mapear cognitivamente as engrenagens e contornos do sistema mundial é tão debilitante para a ação política quanto ser incapaz de mapear mentalmente uma cidade seria para um morador da cidade. A ausência de uma prática de orientação que fosse capaz de conectar as abstrações do capital aos dados sensoriais da percepção cotidiana é identificada como um impedimento para qualquer projeto socialista.[341]

Mas as linhas ao longo das quais o mundo é fatiado não são apenas geográficas, mas atravessam uma paisagem variegada de múltiplas determinações.

---

[340] Para um desenvolvimento filosófico mais aprofundado de como a relação entre composição social e visibilidade (enquanto inteligibilidade) poderia ser fundamentada, ver STP 2021, seções I a III. https://www.sum.si/journal-articles/atlas-of-experimental-politics

[341] Behind this call lay the claim – splicing the original formulation of 'cognitive mapping' by the urban planner Kevin Lynch with Althusser's definition of ideology as the subject's imaginary representation of their relation to the Real – that an inability to cognitively map the gears and contours of the world system is as debilitating for political action as being unable mentally to map a city would prove for a city dweller. The absence of a practice of orientation that would be able to connect the abstractions of capital to the sense-data of everyday perception is identified as an impediment to any socialist project. Toscano & Kinkle 2014, p. 7

> Os 'mapas cognitivos' variam e se recombinam ao longo de eixos de classe, raça, gênero, sexualidade e mais; eles são afetados pelas vicissitudes da práxis, por diferentes usos da cidade, por ideologias, por aquelas atitudes abrangentes em relação à realidade que receberam o nome carregado de 'visões de mundo'. Alguns serão tornados invisíveis para outros que são segregados e excluídos. De maneiras que muitas vezes mal contêm o conflito, a 'unicidade' do espaço está saturada de diferença e desconexão.[342]

Num aceno ao problema da abstração nas formas sociais periféricas, Toscano e Kinkle referem-se ao trabalho do crítico literário brasileiro Roberto Schwarz sobre Machado de Assis, e o mapa cognitivo que ele possibilita da realidade brasileira do final do século XIX. Um dos ensaios mais frutíferos de Schwarz sobre o problema da transposição do capitalismo dos países centrais para o Brasil, e a transposição associada de ideias liberais, é o seminal ensaio "As ideias fora do lugar". Aqui, Schwarz refere-se ao papel da escravidão na sociedade brasileira do século XIX e à coexistência com ideias iluministas importadas da Europa. O interesse principal de Schwarz é entender, num movimento abertamente brechtiano, por que é que ideias e valores classicamente liberais que surgem das sociedades capitalistas europeias modernas parecem, apesar de seu papel central na história da emancipação política e intelectual do Brasil, estranhamente artificiais e fora de lugar. Apesar de sua suposta universalidade, como Schwarz coloca, há um sentido, documentado historicamente, de que essas ideias não se conectam com a realidade social brasileira. No entanto, em vez de simplesmente considerar a presença dessas ideias na esfera pública brasileira como inadequada, e procurar substituí-las por ideias e valores que surgem do contexto colonial, o que lhe interessa é compreender a verdade desta inadequação. Assim, numa análise que estende a tradição da *Ideologiekritik* aperfeiçoada pelos herdeiros marxistas, Schwarz argumenta que se nos países metropolitanos, o valor atribuído às ideias é inversamente proporcional à sua eficácia causal, no sentido de serem o reflexo ideológico da base material[343]; na colônia a ausência de uma base econômica real que pudesse ser tomada como a realização de uma visão de mundo liberal (com todas as distorções ideológicas já inclusas nela) apresentaria essas ideias como ideologia sem lastro real de forma mais clara. Esvaziadas de sua capacidade de agir como ideologia no sentido althusseriano - ou seja, fornecendo a localização

[342] 'Cognitive maps' vary and recombine along axes of class, race, gender, sexuality and more; they affected [*sic*] by the vicissitudes of praxis, by different uses of the city, by ideologies, by those comprehensive attitudes toward reality which have taken the loaded name of 'world-views'. Some will be made invisible to others who are segregated and excluded. In ways that often barely contain conflict, the 'oneness' of space is saturated with difference and disconnection. Toscano & Kinkle 2014 p. 12

[343] Um exemplo particularmente interessante que foi explorado por Schwarz, Antonio Candido e, especialmente, pelo filósofo influenciado por eles, Paulo Arantes, é o grupo dos hegelianos de esquerda e sua suposição da potência social das ideias, a qual Arantes leu, seguindo os rastros de Marx e Engels, como um gesto compensatório por sua falta de influência social. Embora o diagnóstico de Arantes acompanhe o de Marx e Engels em *A Ideologia Alemã*, sua originalidade está em rastrear, seguindo Schwarz e Candido, a mudança de função das mesmas ideias em solo colonial, onde o caráter ideológico se duplica, no sentido de que, lá, não havia sequer a pretensão de colocá-las em prática, como o ensaio de Schwarz torna cristalino. Para uma exploração recente desses e de temas relacionados, ver Caron 2023.

imaginária, ainda que deturpada, do indivíduo no todo social - elas seriam deixadas para agir *performativamente como amortecimento psicológico-social e como a racionalização de uma sociedade cuja "cola" está em outro lugar*, em vez de representar com precisão o mundo social.

> Sumariamente está montada uma comédia ideológica, *diferente da européia.* É claro que a liberdade do trabalho, a igualdade perante a lei e, de modo geral, o universalismo eram ideologia na Europa também; mas lá correspondiam às aparências, encobrindo o essencial a exploração do trabalho. Entre nós, as mesmas idéias seriam falsas num sentido diverso, por assim dizer, original.[344]

Comentando a constituição social da vida econômica brasileira, Schwarz situa três diferentes estratos: os proprietários latifundiários; os escravizados, e o "homem livre". Enquanto a escravidão é a relação econômica mais básica, não é o cerne do que Schwarz chama de "vida ideológica". Novamente, estamos aqui lidando com a relação imaginária do indivíduo com o todo social, mas, como o próprio Schwarz diz, o *teor referencial* está cortado, as ideias têm funções *performativas* sem ter uma função *representacional*. Enquanto a base econômica se alimentava do trabalho dos escravos, a vida ideológica se alimentava de ideias liberais europeias que não chegavam a dar frutos nem mesmo na aparência. A categoria central proposta por Schwarz foi a do *favor,* que se obtinha não entre proprietário e escravizado, mas entre proprietários reais - os latifundiários proprietários de terras, e os "homens livres".

> Esquematizando, pode-se dizer que a colonização produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo e o "homem livre", na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários nem proletários, seu acesso à vida social e a seus bens depende materialmente do favor, indireto ou direto, de um grande. O agregado é a sua caricatura. O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm. Note-se ainda que entre estas duas classes é que irá acontecer a vida ideológica, regida, em conseqüência, por este mesmo mecanismo. Assim, com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força. (...) O escravismo desmente as idéias liberais; mais insidiosamente o favor, tão incompatível com elas quanto o primeiro, as absorve e desloca, originando um padrão particular.[345]

[344] Schwarz, 2000, p.12
[345] Schwarz, 2000, pp. 15-17

O que é importante para nossos propósitos é compreender, através da leitura schwarziana da função da ideologia na colônia, a *forma modulada* com que a relação de troca se aclimata no novo território. A natureza da síntese social é transformada através da relação entre metrópole e colônia e das relações que se estabelecem entre uma força de trabalho escravizada, uma classe proprietária e um estrato médio de homens livres governados por relações de favor.

Devemos acrescentar aqui que não é apenas a natureza ideológica das ideias liberais que é revelada através de seu deslocamento para uma realidade social que carece de seu referente ideal. Como dissemos, Schwarz destaca como essa transposição estranhada tem como uma de suas causas a natureza específica da forma social particular das sociedades brasileiras. Seu efeito é precisamente estabelecer um limite que ao mesmo tempo ilumina e torna inteligível a relação social entre proprietários de escravos e homens livres de uma forma que obscurece e torna ininteligível os trabalhadores escravizados. Assim, seguindo Sohn-Rethel, podemos chegar a outra questão: como as abstrações reais emergem ou são mobilizadas em lugares onde não se tem tal homogeneidade social para escondê-las sob outras características? Neste caso, não é simplesmente que o *détournement* dessas ideias liberais as esvazie de seu referente e as deixe agir de outra maneira. Podemos dizer melhor que essas ideias fora de lugar apontam para *abstrações fora de lugar* que explicariam melhor o funcionamento da ideologia liberal no Brasil.

Isso nos leva de volta à análise da divisão do trabalho internacional feita pelos teóricos do sistema-mundo. À primeira vista, poderíamos apenas tomar o esvaziamento das ideias liberais como um efeito das diferentes composições sociais que compõem partes distintas do mundo. Este poderia ser o caso, pois se globalmente podemos dizer que a síntese social da modernidade capitalista (concebida como um sistema-mundo) é articulada através da troca de mercadorias, não é necessariamente o caso que diferentes partes deste sistema sejam sintetizadas regionalmente da mesma maneira. Sabemos que, apesar de participar da mesma economia mundial, este todo é estruturado de maneira desigual. As diferentes funções que são distribuídas entre regiões centrais, semiperiféricas e periféricas implicam diferentes estruturas sociais em cada espaço. Certamente isso é visível quando olhamos para as diversas formas de trabalho que constituem o tecido social do Brasil no século XIX descrito por Schwarz: mesmo que haja homens livres vendendo seu trabalho no mercado (como nos mercados centrais), a maioria da força de trabalho é composta principalmente por pessoas escravizadas.

Este não é, no entanto, o quadro completo. Como a análise de Schwarz nos permite ver, não é simplesmente o caso de que o que é invisibilizado através de uma operação ideológica no centro é tornado explícito na periferia. A natureza violenta e exploratória das relações de produção de

mercadorias permanece tão ininteligível quanto é em suas contrapartes europeias. Há, no entanto, uma reviravolta adicional introduzida pela tripla estratificação da sociedade brasileira. Temos aqui não uma divisão tripla, mas duas divisões em sequência: primeiro entre escravizados e não escravizados, e, dentro do grupo de não escravizados, uma divisão entre proprietários e "homem livre" (livre da escravidão, mas também da posse de propriedade). O que a lógica do favor entre proprietários e homem livre, que permite a esses dois grupos se separarem dos trabalhadores escravizados, exibe, portanto, é um nível ainda maior de abstração na divisão do trabalho.

Isso poderia ser inferido do fato de que, por um lado, para o "homem livre", qualquer chance de ascender na escala social não está ligada à sua capacidade de *atravessar* a lacuna entre sua própria situação e a dos proprietários de terras, mas reside em sua capacidade de ganhar o favor do proprietário. No reverso desta promessa de mobilidade, os escravizados estão confinados à sua posição, sem qualquer promessa de trabalhar para sair de sua situação, uma vez que todos os frutos de seu trabalho são imediatamente apropriados por seus donos. Podemos ver aqui que não há, portanto, ilusões ideológicas associadas ao trabalho: neste espaço social, ele nem libertará ninguém nem o fará subir a uma posição mais alta, pois outras dinâmicas estão em jogo. Isso não é um problema per se, pois poderia ser simplesmente dito, seguindo Sohn-Rethel, que este seria então uma sociedade de apropriação *unilateral* onde os bens comuns são extraídos através de formas pessoais de dominação:

> Aqui devemos diferenciar entre formas unilaterais e recíprocas de apropriação. A apropriação unilateral do produto excedente leva às múltiplas formas de uma sociedade de classes que Marx chamou de 'senhorio e servidão diretos'. A apropriação aqui é realizada pela imposição de tributos, forçados ou voluntários, ou por roubo puro e simples; é realizada como uma atividade pública pelos governantes e pode ser baseada na subjugação ou em 'direitos divinos'.[346]

No entanto, não podemos dizer que este é o quadro completo, pois, embora a sociedade brasileira de então seja estruturada em torno da escravidão e da extração de seu trabalho por formas de dominação pessoal, esta produção é então direcionada para um mercado mundial articulado em torno da lógica da mercadoria. Nas palavras de Sohn-Rethel, esta seria uma forma de sociedade "baseada na apropriação recíproca como troca privada"[347]. Assim, não é possível dizer que esta região é ela própria objeto de uma síntese social. A síntese social opera a um nível mais elevado, que acaba por constituir um todo que é mais bem compreendido como uma "sociedade de apropriação recíproca". O fato de a

[346] Here we must differentiate between unilateral and reciprocal forms of appropriation. Unilateral appropriation of the surplus product leads to the manifold forms of a class society which Marx called ‘direct lordship and bondage’. The appropriation here is carried out by the imposition of tributes, forced or voluntary, or by plain robbery; it is carried out as a public activity by the rulers and can be based on subjugation or on ‘god-given rights’ (Sohn-Rethel, 2021, p. 69)
[347] “based on reciprocal appropriation as private exchange” *Ibidem*

economia do Brasil ter sido amplamente estruturada em torno da rede de tráfico de escravos que se desenvolveu no Atlântico durante os séculos XVI a XVIII e que foi fundamental para manter sua unidade geográfica intacta[348] é um sinal adicional de que, apesar da estrutura de "apropriação" unilateral, já que a escravidão é um elemento-chave na estrutura social do país, esta região está totalmente integrada na economia global e recíproca. Essa dualidade entre "sociedade de apropriação unilateral" e "sociedade de apropriação recíproca" é melhor explicada uma vez que entendemos que a síntese social está operando ao nível da divisão internacional do trabalho. Uma vez que consideramos a posição do Brasil na economia mundial através das lentes da TSM, podemos ver que a divisão do trabalho tal como existe então no Brasil só apresenta um propósito a nível global.

Podemos entender melhor agora o esvaziamento dos valores liberais uma vez que cruzam o Atlântico. O centro não é simplesmente o elemento dominante numa estrutura global desigual. É também o ponto onde a síntese social global faz sentido de uma maneira mais orgânica. Isso não significa, no entanto, que seja o ponto de vista que nos permite ver essa estrutura global mais claramente, especialmente considerando os efeitos ideológicos produzidos como resultado de uma certa estrutura social. Fora do centro, no entanto, onde as diferentes bases sociais não coincidem com a lógica global governante da produção e a divisão do trabalho é realizada sem justificativas coesas, ficamos com os estranhos efeitos ideológicos descritos por Schwarz. Assim, um importante efeito colateral emerge desta estrutura complexa: é do ponto de vista da periferia que a divisão do trabalho aparece de forma abstrata, pois não pode ser escondida por trás da coesão ideológica do sistema social. Esta visão complementa a concepção sohn-retheliana de síntese social ao pluralizar os tipos de nexos sociais que se obtêm na nova situação, constituindo, como diz Schwarz, um novo padrão ideológico.

Enquanto Schwarz está interessado no problema da ideologia, consideramos que *o ponto de vista da periferia* não só ilustra uma certa forma de complexificação dos nós e modos da vida social do ponto de vista da síntese social, mas torna explícita a função ideológica das abstrações do pensamento na própria metrópole de duas maneiras diferentes. Em primeiro lugar, a mera modificação no padrão ideológico é explicável através das categorias da crítica da economia política, como um complexo material-cognitivo que se desdobra de maneiras específicas no que Toscano e Kinkle chamam de "Outros mundos". A variação que a síntese social sofre é informativa da trajetória do capital através do mundo que ele tece como uno. Em segundo lugar, as relações de dependência que se obtêm entre metrópole e colônia põem *duplamente em xeque* a autojustificação fornecida pelas abstrações do pensamento propostas no núcleo do sistema. Se a colônia não é apenas *atrasada* em seu caminho para a modernização, mas é um componente necessário do sistema mundial em geral, a

[348] Ver Alencastro, 2000

falsidade das abstrações do pensamento torna-se ainda mais flagrante, demandando um reavivamento robusto do aparato teórico capaz de ler a situação.

Enquanto o primeiro aspecto que mencionamos se alimentava da *diferença* na síntese social aqui e ali; o segundo aspecto se alimenta da *mesmidade* da divisão do trabalho intelectual e manual, uma vez que esta última é também mais evidente no apelo colonial ao trabalho escravizado e nas formas contemporâneas de quase-escravidão contínua no Sul Global fornecedor. Na verdade, pode-se afirmar que no próprio nível "transcendental" ou categorial que Sohn-Rethel examina, reconhecemos, em última análise, uma lógica *desigual e combinada*, semelhante à da dependência e das teorias do sistema-mundo, onde o centro das formações sociais capitalistas consegue experimentar a abstração como enraizada em estruturas ideológicas e culturais que lhe dão justificação e "organicidade", enquanto nas periferias, o processo de abstração que condiciona a troca de mercadorias se imprime violentamente contra a realidade social, com pouco ou nenhum amortecimento.

**Bibliografia:**

Alencastro, Luiz Felipe de, 2000, *O trato dos viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul.* São Paulo, Cia das Letras.

Althusser, Louis *et al*. 1973, *Lire le Capital*. *Tome I* Paris, François Maspero.
Amin,Samir, 1987, *Imperialismo e desenvolvimento desigual.* Tradução: Eneida Araújo. São Paulo, Vértice.

Arrighi, G., Silver, B.J. & Brewer, B.D. Industrial convergence, globalization, and the persistence of the North-South divide. St Comp Int Dev 38, 3--31 (2003). https://doi.org/10.1007/BF02686319

Balibar, Étienne; Wallerstein, Immanuel, 1991, *Race, Nation, Class*, Londres: Verso.

Braudel, Fernand, 1978, "História e Ciências Sociais: a longa duração" *In: Escritos sobre a história*. Tradução: J. Guinsburg e Tereza Cristina Silveira da Mota São Paulo: Perspectiva

Braudel, Fernand, 1983, *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na época de Felipe II*. (vol 1) Tradução: Gilson César Cardoso de Souza e Ana Maria Fiorini Sâo Paulo, Martins Fontes.

Braudel, Fernand, 2009, *Civilização material, economia e capitalismo: Séculos XV-XVIII. Volume 3*: *O tempo do mundo*. Tradução: Telma Costa. São Paulo, Martins Fontes.

Braudel, Fernand 1988, *La Dynamique du capitalisme*, Paris: Flammarion.

Caron, Jean-Pierre 2023, *Vertigens da Referência. Sobre Formação e Desconstrução de Paulo Arantes.* São Paulo, Estilhaço.
https://www.xn--estilhao-y0a.com.br/vertigensdareferencia

Hopkins, Terence K; Wallerstein, Immanuel 1994, "Commodity Chains: Construct and Research". In: Gereffi, Gary; Korzeniewicz, Miguel, *Commodity Chains and Global Capitalism,* Wesport: Greenwood Press.

Horkheimer, Max 1995, *Gesammelte Schriften Band XV*, Frankfurt: Fischer Verlag.

Lai, Cheng-Chung 2004, *Braudel's Historiography Reconsidered*, Lanham: University Press of America.

Mies, Maria 1986, *Patriarchy and Accumulation On a Global Scale*, Londres: Zed Books

Postone, Moishe, 2014. *Tempo, trabalho e dominação social*. Tradução Amilton Reis e Paulo Cézar Castanheira. São Paulo, Boitempo

Schwarz, Roberto. 2000 [1977] *Ao vencedor as batatas.* São Paulo, Editora 34.

Sohn-Rethel, Alfred [1978] 2021, *Intellectual and Manual Labour: A Critique of Epistemology,* Chicago: Haymarket Books.

Subconjunto de Prática Teórica 2021, 'Atlas of Experimental Politics', *In:* Šum, 17. https://www.sum.si/journal-articles/atlas-of-experimental-politics

Toscano, Alberto & Kikle, Jeff 2014 *Cartographies of the Absolute*. Londres: Zero Books.

Wallerstein, Immanuel. 1974, *O sistema mundial moderno: I. A agricultura capitalista e as origens da economia-mundo européia no século XVI.* Tradução: Carlos Leite, Fátima Martins e Joel de Lisboa. Lisboa, Afrontamento.

Wallerstein, Immanuel 1983, *Historical Capitalism,* Londres: Verso.

Wallerstein, Immanuel 1984, 'Patterns and Prospectives of the Capitalist World-Economy', *Contemporary Marxism*, 9, Imperialism and the Transition to Socialism: 59-70.

Wallerstein, Immanuel 1984a, *The Politics of World-system*, Nova Iorque: Cambridge University Press.

Wallerstein, Immanuel, 1984b, 'Long Waves as Capitalist Process', Review (Fernand Braudel Center), Vol. 7, N. 4, Long Waves in History: 559-575.

Wallerstein, Immanuel 1988, 'The Bourgeois(ie) as Concept and Reality', *New Left Review,* I/167: 91-106.

Wallerstein, Immanuel 1991, *The Capitalist World-economy*, Nova Iorque: Cambridge University Press.

Wallerstein, Immanuel 2004, *World-System Analysis. An Introduction*. Durham: Duke University Press.

Wolfe, Ross, *Real abstraction: On the use and abuse of an idea*, disponível em: https://thecharnelhouse.org/2014/04/21/real-abstraction-on-the-use-and-abuse-of-an-idea/